

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE HISTÓRIA

MACAÍBA: CENTRO COMERCIAL NO COMEÇO DO SÉCULO XX.

(1900 – 1920)

JEFFERSON STÁNLEY DA SILVA

NATAL/RN

2006

JEFFERSON STÁNLEY DA SILVA

MACAÍBA: CENTRO COMERCIAL NO COMEÇO DO SÉCULO XX.

(1900 – 1920)

Monografia apresentada como requisito de avaliação da Disciplina Pesquisa Histórica II, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Dr. Hélder Viana.

Natal/RN
2006

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela sua bondade e misericórdia. A todos que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho. Agradecimento especiais ao professor Hélder Viana, pela orientação ao referido trabalho.

A minha família, especialmente minha mãe, pelo dedicado amor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
CAPITULO I – DESENVOLVIMENTO DE MACAÍBA A PARTIR DE MEADOS DO SÉCULO XX.....	07
1. A Economia Norte – Rio – Grandense a partir da Segunda Metade do Século XIX.....	07
2. Características de Macaíba como Vila e Cidade.....	14
3. A Economia Potiguar no Último Quartel do Século XIX.....	16
4. Macaíba após o Fim da Casa Comercial de Guarapes.....	19
CAPÍTULO II – CENTRO COMERCIAL NO COMEÇO DO SÉCULO XX (1900 – 1920).....	22
1. As Relações do Comercio Regional e Estadual com Macaíba.....	22
2. Macaíba: Cidade Próspera.....	29
CAPÍTULO III – MACAÍBA A PARTIR DA DÉCADA DE 1920.....	35
1. Macaíba e outras Cidade do Estado no Período.....	35
2. O Declínio do Comércio na Década de 1920.....	38
CONCLUSÃO.....	42
BIBLIOGRAFIA.....	44
FONTES.....	46

INTRODUÇÃO

Ao escrever o presente trabalho, temos a pretensão de colocar em evidência a cidade de Macaíba, como centro comercial do estado, mostrando a sua significativa importância, dentro da economia do Rio Grande do Norte, durante os primeiras décadas do século XX.

O período de estudo compreenderá a cidade no final do século XIX e início do século XX. Assim, estaremos focalizando os momentos em que a cidade se solidificou como centro comercial, e, no final da década de 1920, passou a uma estagnação econômica.

Observa-se que as monografias, de José Edson e Maria Vanuza Alves, existentes no Núcleo de Estudos Históricos da Universidade Federal do Rio Grande, que abordam Macaíba e Guarapes, não ultrapassam o ano de 1872, quando retratam a época de esplendor do comércio na região. As monografias retratam, principalmente, a casa comercial de Fabrício Gomes Pedroza, em Guarapes, que pertencia ao comerciante.

O que o presente trabalho tenciona é mostrar que, mesmo após o ano de 1872, quando o comércio da casa comercial em Guarapes perde a sua força econômica, a localidade, posteriormente cidade de Macaíba, não perderia sua função de centro comercial. A cidade não deixou de ocupar lugar expressivo na economia norte – rio – grandense, em fins do século XIX e início do século XX.

Por se localizar em uma posição geográfica que lhe dava grande vantagem comercial, observa-se, no período de 1858 a 1872, a vinda de vários negociantes de “províncias do norte” brasileiro, cobiçosos pelos lucros do mercado. Famílias ali se estabeleceram e figuraram como propulsores do crescimento econômico da cidade durante décadas.

Segundo Maria Vanuza Alves, a localidade ficou na estagnação após o período de 1858 a 1872.¹ Entendemos que houve, após 1872 até a década de 1920, uma solidificação da localidade como centro comercial. É importante ressaltar há falta de trabalhos, na historiografia norte – rio – grandense, que retratam especificamente do tema abordado.

De meados do século XIX ao início do século XX, a economia do Estado passou por mudanças e transformações significativas; tinha, nesse momento, o açúcar e principalmente o algodão, como produto de primeira importância na economia potiguar.

Deste modo, o presente trabalho dará ênfase, em princípio, ao crescimento da localidade, que passou de vila a cidade. Destacaremos a economia norte – rio – grandense, na segunda metade do século XIX, especificando o último quartel desse século. Ainda neste momento, falaremos sobre a localidade de Macaíba após a fim da casa comercial de Guarapes. Num segundo momento, é de nosso interesse específico, mostrar a cidade de Macaíba, como centro comercial, no começo do século XX. Neste capítulo, abordaremos as relações do comércio regional e estadual com Macaíba, mostrando, posteriormente, a prosperidade da cidade.

Por fim, falaremos sobre a cidade, a partir da década de 1920, mostrando aspectos de outras cidades no período, e, o conseqüente declínio de Macaíba, nos fins da década de 1920.

Assim, este trabalho não pretende oferecer um quadro amplo da economia, de Macaíba e do Rio Grande do Norte, no começo do século XX. É de nosso interesse, mostrar o momento em que a cidade figurou como um forte centro comercial, alcançando considerável destaque na economia potiguar.

¹ ALVES, Maria Vanuza. Macaíba: Apogeu e Decadência (1858 a 1872). Monografia, p. 18.

CAPÍTULO I - “DESENVOLVIMENTO DE MACAÍBA A PARTIR DE MEADOS DO SÉCULO XIX”.

Ao escrever sobre Macaíba como centro comercial do Rio Grande do Norte, no começo do século XX, faz-se necessário entender os fatos e acontecimentos transcorridos que antecederam a este momento. Sendo assim, poderemos compreender a ocorrência de fatos que marcaram a história da cidade e que tiveram uma importância econômica na história do Rio Grande do Norte.

1. A ECONOMIA NORTE-RIO-GRANDENSE A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.

Durante a segunda metade do século XIX, a economia do Rio Grande do Norte evidencia o momento da economia nacional; ou seja, o país vive uma situação de “euforia” econômica, impulsionada por uma participação crescente no comércio, impulsionada por uma participação crescente no comércio mundial, devido não só a elevação das vendas de café, mas também do açúcar e do algodão.²

Observa-se que as “províncias do norte” apresentam-se, nesse período, como sendo uma região de instabilidade econômica. Essa instabilidade econômica se deu devido a algumas características do período; entre elas, como fator negativo, a vulnerabilidade das

² A'RBOCZ, István Inrc Lószla. Ensaio Sobre a História Econômica do RN, p. 27.

“províncias do norte” em relação às secas periódicas que ocorreram em 1877/79 e 1888/89. As mesmas causaram enormes prejuízos à economia dessa região.

É notório também, já como fator positivo dessa instabilidade econômica da região, conhecida hoje como Nordeste, foi um crescimento da produção algodoeira na década de 1860. sobre isto, István A'rbocz esclarece:

“A evolução da cultura do algodão no Nordeste, praticamente a única área produtora do Brasil no decorrer do século XIX, caracteriza-se – em virtude da concorrência do algodão produzido no sul dos Estados Unidos – pela existência de ‘ciclos’, quando o produto brasileiro substitui o americano no mercado britânico, o mais importante da época”.³

Assim, a existência de “ciclos” é comprovadamente um fato na produção do algodão, no Nordeste brasileiro, causando instabilidade econômica na região, visto que, o algodão foi um produto fundamental para o desenvolvimento econômico da época. Esses “ciclos” referem-se a períodos de baixa e de alta do algodão, na produção, principalmente para o mercado exportador. Essa informação é ratificada na obra de Denise Monteiro e Hermano Machado, que diz: “A cotonicultura potiguar, durante o Século XIX, passou por períodos de expansão e retração determinados pelo mercado internacional, como ocorreu com toda a cultura algodoeira nordestina voltada para a exportação.”⁴

É importante ressaltar, ainda como característica desse período, a cultura canavieira que tem, a partir da década de 1860, uma produção, de baixa e de alta em relação ao mercado exportador. Ao final do século XIX, observa-se uma “crise na economia capitalista, interrompendo-se a participação do Brasil, cuja principal área produtora era o Nordeste, no mercado mundial de açúcar, como competidor de monta”.⁵

³ Ibid., p. 25.

⁴ TAKEYA, Denise M. e LIMA, Hermano M. F. História Político Administrativa da Agricultura do RN – 1892/1930, p. 19.

⁵ A'RBCZ, István Inre László. Ensaio Sobre a História Econômica do RN, p. 25.

As transformações econômicas ocorridas na segunda metade do século XIX, no Nordeste e conseqüentemente no Brasil, influem de maneira decisiva na economia Norte-Rio-Grandense; já que não podemos separar o Rio Grande do Norte do seu contexto econômico regional.

Conforme assinalava Tarcísio Medeiros, a partir de 1850, o Rio Grande do Norte terá um maior povoamento e um maior desenvolvimento, ambos decorrentes de um “surto econômico”. Esse surto econômico provocado na província deve-se, segundo Tarcísio Medeiros, à produção do açúcar que, desde aproximadamente 1845, estava sendo produzido em cerca de 159 engenhos distribuídos nas localidades litorâneas da província; e também a plantação, na região do Seridó, do algodão conhecido por “Mocó”.⁶ Em relação à cultura canavieira, no Rio Grande do Norte, assinalava István A’rbocz:

“A cultura da cana de açúcar, entretanto, é que terá uma expansão mais acentuada durante o século XIX, constituindo-se como a principal atividade da província na segunda metade deste século, embora a introdução das inovações tecnológicas se processe bastante lentamente.”⁷

A partir de meados do século XIX e ainda a aproximadamente 1870, a cultura canavieira era a principal atividade da província, trazendo grande prosperidade econômica para o Rio Grande do Norte. Podemos relacionar esse período de desenvolvimento norte-rio-grandense com a vinda de vários negociantes do país para a zona litorânea da província. Tratando desse momento, Tarcísio Medeiros relata que, “de várias partes do país veio gente com dinheiro para aproveitar a situação. Sós ou com os da terra formaram firmas comerciais cujos remanescentes chegaram até o presente”.⁸

O crescente desenvolvimento da província do Rio Grande do Norte, na segunda metade do século XIX, encontra localidade de coité (futura Macaíba), uma pequena povoação

⁶ MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do RN, p. 93.

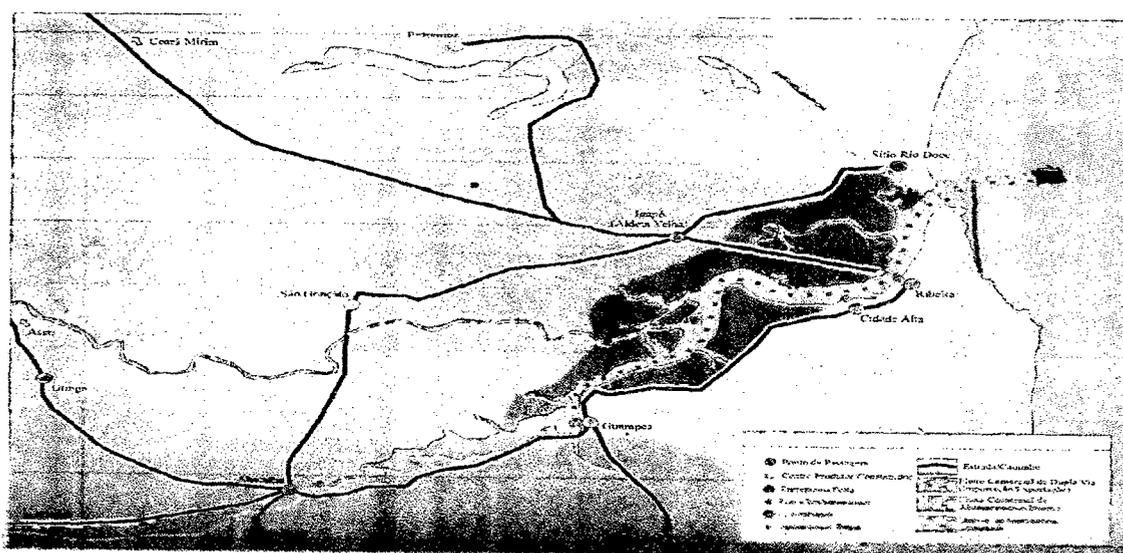
⁷ A’RBOCZ, István Inre Lászlo. Ensaio Sobre a História Econômica do RN, p. 30>

⁸ MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do RN, p. 93.

que se tornam um ponto estratégico para consolidação do comércio no Rio Grande do Norte. Dizemos ponto estratégico, visto o difícil acesso do interior à capital da província. Nas décadas de 1850 e 1860, não haviam estradas de rodagem e as linhas férreas também não tinham sido implantados. O momento de efervescência econômica fez surgir, em Macaíba, um entreposto comercial, ligando-o com o interior da província e outras regiões do país.

“Macaíba fixou-se como importante feira, abastecendo as povoações circunvizinhas, inclusive a capital. Isso enfraqueceria o comércio interno de Natal, pois os gêneros alimentícios iam diretamente para a praça de Macaíba, muito melhor localizada e com uma infra-estrutura de armazenagem razoável”.⁹

Vale ressaltar a importância, nesse contexto, dos rios Jundiá e Potengi. Ambos, tiveram a instalação de portos, como o de Guarapes, no rio Potengi, proporcionando o abrigo de navios embarcações transportadores de mercadorias para o mercado nacional e internacional. O rio Jundiá, considerado afluente do Potengi, era navegável, por pequenas embarcações, até o porto de Macaíba. Pode-se entender, mais claramente, significado desses rios para a economia norte-rio-grandense, observando o mapa histórico – geográfico das áreas.



(Fig. 01)

Fonte: RODRIGUES, Wagner do Nascimento. Potengi: Fluxos do Rio Salgado no Século XIX, p. 130.

⁹ RODRIGUES, Wagner do Nascimento. Potengi: Fluxos do Rio Salgado no Século XIX, p. 46.

Podemos acrescentar que famílias de comerciantes, e outros que a que se fizeram, vieram de outras “províncias do Norte”, como Paraíba e Pernambuco, para Macaíba, atraídos por esta, que seria considerada um dos maiores entrepostos comerciais das décadas de 1850 e 1860. Entre aqueles que se sentiram atraídos pela prosperidade local, estava a família de Fabrício Gomes Pedroza; o futuro comerciante nasceu em Nazaré da Mata, Pernambuco, vindo para Natal em 1847. posteriormente, atraído pelo efervescente entreposto comercial em que se tornara a povoação de Coité (atual Macaíba).¹⁰ O mesmo deu grande impulso para expansão de Macaíba como entreposto comercial., criando também, em Guarapes, uma casa comercial. Também vieram, na década de 1850, a família de Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão, que também veio da província de Pernambuco, dedicando-se ao comércio em Guarapes, onde passou a residir. O mesmo foi encarregado, em 1891, da construção da estrada Natal – Macaíba.¹¹ Amaro Barreto teve seus serviços contratados, emergencialmente, ofertando trabalho aos flagelados da seca, oriundos do interior do Estado.¹² Dessa família, vieram personalidades importantes da história do Rio Grande do Norte, entre os quais Augusto Severo, Pedro Velho e Alberto Maranhão; os dois últimos, tornaram-se governadores do Estado.

É importante ressaltar que, ao falar sobre comerciantes sendo “atraídos” pelo entreposto comercial, não queremos dizer que a localidade de Macaíba tenha um comércio local forte, na década de 1850; pelo contrario, foi com a vinda de Fabrício Gomes Pedroza e outros comerciantes, que a localidade teve uma expansão do seu comércio urbano e da vida social, alcançando “status” de cidade. Logo, os comerciantes foram “atraídos” por uma localidade, que geograficamente, era favorável para a capital se alcançar o interior da província e vice-versa. Portanto, a localidade se constituía em uma via de ligação capital-

¹⁰ FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Personalidades Históricas do RN (Séc. XVI a XIX), p. 167.

¹¹ Ibid. p. 150

¹² Ibid. p. 139.

interior e interior – capital, e que traria lucros imediatos para os comerciantes que ali se fixassem.

O comercio, no porto de Guarapes, deu de forma acentuada sua parcela de contribuição para o desenvolvimento, desse entreposto comercial, no povoado de Macaíba, na década de 1850.

É de importante significado, a vinda de Aureliano Clementino de Medeiros, nascido em Pilar, Paraíba, em 1853. “A família transferiu-se para Macaíba (1868) onde, mais tarde, tornar-se-ia comerciante e constituiria considerável patrimônio (...) Em fins do século XIX, além de solidamente estabelecido no comercio e já prospero proprietário de imóveis, foi eleito Presidente da Intendência (Prefeito) naquele município.”¹³ A importante atraiu, também, Juvino César Paes Barreto, nascido em aliança na província de Pernambuco em 1847, que ainda jovem comercializava no interior do Rio Grande do Norte produtos adquiridos no Guarapes (Macaíba), “à época importante núcleo comercial”.¹⁴

Os fatos transcorridos, nesse período, nos fazem compreender Macaíba como um grande entreposto comercial. Verifica-se que, antes mesmo da abertura da casa comercial em Guarapes, que foi resultado do processo de desenvolvimento econômico do Rio Grande do Norte e da visão administradora do comerciante Fabrício Gomes Pedroza, observa-se, conforme Medeiros, que as terras macaibenses, “serviam de ancoradouro às embarcações que transportavam mercadorias para Natal, vales dos vales do norte (Ceará – Mirim e São Gonçalo), do Sul (vales do Capió, Canguaretama e Goianinha) e do Centro (Seridó).”¹⁵

Também na segunda metade do século XIX, Guarapes, localidade mais próxima da capital, assume um papel preponderante na exportação e importação de produtos no Rio Grande do Norte. O Porto dos Guarapes, principal via de escoamento da produção, estava localizado na parte mais profunda do rio Potengi, permitindo à entrada de embarcações de até

¹³ Ibid., p. 153.

¹⁴ Ibid., p. 99.

¹⁵ MEDEIROS, Tarcisio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do RN, p. 94.

500 toneladas. Tarcísio Medeiros afirma que, do porto, galeras, brigues, caravelões e uma quantidade enorme e variada de embarcações à vela, transportavam mercadorias para estrangeiros.¹⁶

O desenvolvimento do porto de Guarapes distingue-se de Macaíba; pois, o nosso entendimento é que quando o comércio de Guarapes declina em 1872, sendo fruto de um empreendedor comercial, que foi o Fabrício Gomes Pedroza; Macaíba, ainda mantém-se como um núcleo comercial, não sendo fruto de um ^{único impulsionador comercial} áureo de Guarapes, Macaíba retorna a ~~Terminado o período áureo de Guarapes Macaíba retorna a~~ posição de cabeça de comércio de Macaíba e de Natal, sendo considerado a principal praça ^{paralela de cabeça do Rio} comercial do rio até 1872.¹⁷ Logo, queremos demonstrar aqui que, havia pontos comuns entre Guarapes e Macaíba, como também singularidades, particularidades e especificidades entre as duas localidades. Guarapes localizavam-se uns dozes quilômetros ao sul da cidade de Macaíba.¹⁸ Fabrício Gomes Pedroza se estabeleceu ali, criando a “Casa – Grande do Guarapes”, com armazéns, escala e capela, formando um centro comercial importante na 2ª metade do século XIX na província do Rio Grande do Norte.¹⁹ “foi ele quem deu impulso a Macaíba, esse pequeno lugarejo às margem do Jundiá. Foi sem dúvida esse lusitano, que começou a história de Macaíba nas crônicas sociais da província.”²⁰

Com a possibilidade de atenuar o isolamento de Natal, investiu-se na construção de um ponte em Macaíba; tal fato, porém, enfraqueceu ainda mais o comércio da capital.²¹ Isso fortaleceu Macaíba como entreposto comercial na década de 1860.

Assim, nas décadas de 1850 e 1860, a economia norte-rio-grandense alcançou índices de crescimento bastante intenso. E foi neste contexto, de crescimento, que Macaíba solidificou-se como entreposto comercial, tendo na casa comercial de Fabrício Gomes

¹⁶ Ibid.

¹⁷ RODRIGUES, Wagner do Nascimento. Potengi: Fluxos do Rio Salgado no Século XIX, p. 87.

¹⁸ MELO, Aurélio Freire de. Trajetória de Minha Vida, p. 49.

¹⁹ FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Personalidades Históricas do RN (Séc. XVI a XIX), p. 168.

²⁰ MELO, Aurélio Freire de. Trajetória de Minha Vida, p. 49.

²¹ RODRIGUES, Wagner do Nascimento. Potengi: Fluxos do Rio Salgado no Século XIX, p. 48.

Pedroza, localizada em Guarapes, um avantajado e invejável comercio da província, senão o maior.

2. CARACTERISTICA DE MACAÍBA COMO VILA E CIDADE.

A localidade de Macaíba, conhecida, inicialmente, como povoado de Coité, tem no seu “Currículo” histórico uma forma singular de crescimento. Este crescimento, que a princípio foi econômico, fez surgir, como já dissemos anteriormente, a cobiça de vários negociantes, vindo de outras “províncias do Norte”, como Pernambuco e Paraíba.

É de presença marcante, na região, o Coronel Estevam José Barbosa de Moura, que foi um dos pioneiros na localidade, na qual, “em 1845 herdou a propriedade de ‘Ferreiro Torto’, em Macaíba; demoliu as antigas construções, que eram de taipa, e ergueu um importante casarão, verdadeiro solar em estilo colonial, constituindo-se num dos últimos exemplares da arquitetura rural desse estilo no Rio Grande do Norte”.²²

Em coité, percebe-se que até o ano de 1855 não houve um crescimento urbano, nem muito menos comercial da localidade, pois, tratava-se, apenas, de um sítio de plantar e criar gado; nesse momento a localidade tem o seu nome mudado para Macaíba. Porém, é necessário afirmar que já havia, na localidade, um grande trânsito de embarcações que levavam as mercadorias do sertão para Natal.²³ No período de 1858 à 1872, segundo Nestor Lima, “Macaíba povoou-se, quase por encanto, dentro de pouco tempo, apresentando-se com quatro ruas principais e outras perpendiculares, que se tem desdobrado muito até constituírem

²² FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Personalidades Históricas do RN (Séc. XVI a XIX), p. 162.

²³ RODIGUES, Wagner do Nascimento. Potengi: Fluxos do Rio Salgado no Século XIX, p. 27.

num avultado núcleo urbano”.²⁴ A mesma estava ligada ao município de São Gonçalo, vindo a desmembrar-se, segundo Nestor Lima, em 27 de outubro de 1877 pela Lei Provincial número 801.

Para realçar ainda mais esse posicionamento em relação ao crescimento da localidade de Macaíba, na década de 1870, citamos Aurélio Freire que afirma:

“(...) Assim, Macaíba ficou sendo a Capital do Rio Grande do Norte e não a cidade do natal que, ainda em 1871, o Presidente da Província Henrique Pereira de Lucena, futuro Barão de Lucena, dizia ser uma vila insignificante e atrasadíssima do Interior.”²⁵

Wagner do Nascimento afirma que a mudança da capital chegou a ser uma alternativa em 1872, visto a fraqueza e isolamento da praça comercial de Natal; porém, a mudança da capital, segundo ele, não chegou a ser concretizada.²⁶

A questão aqui não é discutir se Macaíba foi ou não a capital da província; entendermos que é relevante compreendermos que a então capital da província estava sendo “afuscada”, por essa nova vila comercial da província, e as atenções políticas, econômicas e sociais se voltavam para ela, devido sua rápida projeção no cenário norte – rio-grandense; sendo Natal, considerada e comparada a uma vila insignificante e atrasadíssima do interior.

Referindo-se à Macaíba desta época, dizia Manuel Ferreira Nobre: “É uma vila nova, porém muito populosa e comercial.”²⁷

Como aspecto marcante de seu crescimento comercial, temos a feira da localidade, que atingiu proporções que lhe deram fama na província. Os agricultores beneficiados por lucros avantajados passaram a gastar a mãos largas, comprando selos ingleses de couro da Rússia.²⁸ Até mesmo os habitantes da capital iam diretamente a feira de Macaíba para comprar seus gêneros; devido a tal fato, chegou-se a cogitar a extinção dessa feira, que

²⁴ LIMA, Nestor. Municípios do Rio Grande do Norte: Macaíba, Macau, Martins e Mossoró, p. 191.

²⁵ MELO, Aurélio Freire. Trajetória da Minha Vida, p. 15.

²⁶ RODIGUES, Wagner do Nascimento. Potengi: Fluxos do Rio Salgado no Século XIX, p. 44

²⁷ NOBRE, Manoel Ferreira. Breve notícia sobre a Província do RN, p. 182

²⁸ SOUZA, Eloy de. Memórias, p. 25.

prejudicava diretamente os compradores da capital, com os lucros indo diretamente para os atravessadores.²⁹

A vila de Macaíba foi afetada com o fechamento da casa comercial de Fabrício Gomes Pedroza, em 1872, no Guarapes. Soma-se a isso, a implantação de ferrovias na província com a construção da estrada de ferro ligando Natal a Nova Cruz (1880/1883).³⁰ Tal fato, possibilitou um melhor intercâmbio entre Natal e o interior da província. A localidade teve a sua pujança comercial diminuída, com um ritmo de crescimento lento, mas gradual; mas, apesar das dificuldades, foi elevada à categoria de cidade pela Lei Provincial 1.010, de 06 de janeiro de 1889, conforme as memórias de Aurélio Freire de Melo, Macaíba, no seu princípio de vida e cidade, foi rica, movimentada, festiva, acolhedora, musical e bailarina.³¹

3. A ECONOMIA POTIGUAR NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX.

Para termos uma melhor compreensão do desenvolvimento econômico de Macaíba nas duas primeiras décadas do século XX, entendemos que, é necessário atetarmos os fatos transcorridos, na economia norte – rio – grandense, nos fins do século XIX. Ao relacionar esse fatos ao desenvolvimento de Macaíba, no último quartel do século XIX, demonstraremos que, a mesma não ficou na estagnação, nem muito menos, entrou em decadência com o fechamento da casa comercial de Fabrício Gomes Pedroza, em 1872.

Maria Vanuza Alves, no seu trabalho monográfico, relata que Macaíba entrou em decadência e estagnação no ano de 1872.³² tem o seu trabalho o título de “Macaíba: Apogeu e

²⁹ RODRIGUES, Wagner do Nascimento. Potengi: Fluxos do Rio Salgado no Século XIX, p. 47.

³⁰ A'RBACZ, István Inre Lászlo. Ensaio Sobre a História Econômica do RN, p. 35.

³¹ MELO, Aurélio Freire de. Trajetória de Minha Vida, p. 15.

³² ALVES, Maria Vanuza. Macaíba: Apogeu e Decadência (1858 a 1872), p. 18.

decadência (1858 a 1872).” Tal fato, nos motiva a pensar, pela indicação do título, que foi Macaíba e não Guarapes que declinou em 1872.

Temos como fato, que a cidade diminuiu os seus fluxos comerciais; porém, ocasionado por diversos fatores, de ordem e econômica, no último quartel do século XIX, no Rio Grande do Norte. Não podemos atentar para o fim da casa comercial, em Guarapes, e confundir o fim da mesma com Macaíba. Conforme supracitado, no tópico anterior, há diferenças e particularidades entre as localidades de Guarapes e Macaíba.

O desenvolvimento da economia potiguar, no último quartel do século XIX, [e marcado por mudanças e transformações, constitui-se, esse momento, em um período crítico para a economia agro-exportadora, possibilitando uma reorientação de mercado. Observa-se, que o desenvolvimento gerado, na região Nordeste do Brasil, até meados século XIX, tem uma significativa baixa no fim do mesmo; isso se dá, em relação ao mercado exterior sobre o período, esclarece Istvám A'rbocz:

“A crise do setor de mercado exterior do Nordeste se refletir[a] fortemente na economia norte – rio – grandense, provocando uma redução drástica da atividade econômica, reerguendo-se o Estado, somente muito lentamente, da crise do final do século XIX no início do século XX.”³³

A crise na economia nordestina, no último quartel do século XIX, provocou uma retração da economia do Rio Grande do Norte neste período. Soma-se a isso, as secas periódicas de 1877/79, provocando uma imigração intensa para a Amazônia, onde inicia-se o “ciclo da borracha”.³⁴ “O êxodo era um problema estrutural que adquiria feição conjuntural nos períodos de seca”.³⁵ É importante considerar que a região Nordeste do Brasil, já nesse período, era uma região “atrasada” em relação ao centro-sul do país, ou seja, não possuía o ritmo de crescimento do centro-sul brasileiro.

³³ A'RBACZ, Istvám Inre László. Ensaios Sobre a História Econômica do RN, p. 28.

³⁴ Ibid., 32

³⁵ TAKEYA, Denise M. Apud CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. Economia e Urbanização: O Rio Grande do Norte nos Anos 70, p. 100.

A conjunção desses acontecimentos provocaram um despovoamento no Estado, sendo assunto no relatório de governo de Alberto Maranhão, em 14 de julho de 1900, por assumir “uma gravidade verdadeiramente aflitiva.”³⁶

É notório, no final do século XIX e início do século XX, uma expansão do mercado interno no Brasil, absorvendo cada vez a produção algodoeira nordestina. Este dado era animador, para a economia norte – rio – grandense , já que, no período final do século XIX. Chegava ao fim o surto algodoeiro da “cotton lungcr”, e a produção do açúcar, no estado do Rio Grande do Norte e Nordeste do Brasil entrava em crise.³⁷ Falando desse momento, da economia potiguar, Denise Monteiro e Hermano Machado escreveu:

“O açúcar e o algodão constituem, pois, os dois setores da produção agrícola do Rio Grande do Norte – representados, a grosso modo, respectivamente, pela zona litorânea e o sertão do Estado – que, com dificuldade de colocação no mercado externo passariam a orientar-se para o interno. Trata-se portanto, de um período crítico para a economia agro-exportadora do estado: uma fase de reorientação de mercado”.³⁸

É interessante esclarecer que essas transformações, ocorridas na economia norte – rio – riograndense no final do século XIX, contribuem para implantação de estradas de ferro no Estado. Destacamos, entre elas, a Great Western que ligava os centros produtores de São José, Goianinha, Canguaretama, até Nova Cruz, possibilitando o acesso de todo o sul do Estado, as safras para Natal; a mesa, tem trechos concluídos em 1881 e 1883. Ainda como consequência dessas transformações do último quartel do século XIX, observa-se que as casas comerciais de importação e exportação, que foram fruto do desenvolvimento alcançado, na província, a partir de meados do século XIX, começam a declinar. Guarapes acabara-se, em 1872, com a morte de seu empreendedor Fabrício Gomes Pedroza.

³⁶ TAKEYA, Denise M. e LIMA, hermano M. F. Historia Politico Administrativa da Agricultura do RN – 1892/1930, p. 23.

³⁷ Ibid., p. 19.

³⁸ Ibid.,

Vale ressaltar que, não só Guarapes entrou em declínio, mas também a casa comercial Ulrich Graff, que era exportadora de algodão. Essa última, mantinha transporte direto de mercadorias entre Natal e a Inglaterra, desde 1860.³⁹ Segundo Wagner do Nascimento, em 1872, a casa comercial de Ulrich Graff era o único comércio que importava diretamente, apresentando-se de maneira limitada e diminuindo consideravelmente.⁴⁰ No início do século XX, com capital misto de ingleses remanescentes de Ulrich Graff, foi fundada a casa comercial Wharton Pedroza S/A. Sendo a sucessora das casas comerciais, de importação e exportação, tinha escritório, inicialmente, na rua do comércio, hoje rua Chile (bairro da Ribeira em Natal).⁴¹

4. MACAIBA APÓS O FIM DA CASA COMERCIAL DE GUARAPES.

Guarapes foi, de 1858 a 1872, um importante centro importador – exportador do Rio Grande do Norte e que Nestor Lima assim descreve:

“(…) A casa comercial do Major Fabrício era a mais abastada na zona do litoral e exportava, em grande escala, para os portos europeus, os produtos dos vales do agreste, pelos navios que iam ancorar rio acima, em frente ao estabelecimento.”⁴²

Por se projetar com uma casa comercial, de importância singular, na economia da província norte – rio – grandense, Guarapes influenciou, com o seu declínio, em 1872, na diminuição da praça comercial de Macaíba, como entreposto, no comércio do Rio Grande do Norte. Contudo, esta diminuição, esta intimamente relacionada às transformações

³⁹ MEDEIROS, Tarcisio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do RN, p. 93.

⁴⁰ RODRIGUES, Wagner do Nascimento. Potengi: Fluxos do Rio Salgado no Século XIX, p. 84.

⁴¹ FUNDACAO JOSE AUGUSTO. Personalidades Históricas do RN (Século XVI a XIX), p. 169.

⁴² LIMA, Nestor. Municípios do Rio Grande do Norte: Macaíba, Macau, Martins e Mossoró, p. 210.

econômicas, no último quartel do século XIX, no Rio Grande do Norte. Como supracitado, no tópico anterior, o período final do século XIX e início do século XX, constituiu-se em uma fase de reorientação de mercado. Neste contexto e por se localizar em uma posição geográfica que lhe dava grande vantagem comercial, Macaíba funcionava como ponto intermediário para do interior se alcançar a capital. Da mesma forma, era necessário passar por ela para ir ao interior.

Ao se afirmar que Macaíba estagnou, com o fim da casa comercial de Guarapes, em 1872, entendemos não ser este um problema isolado, mas sim, regional e provincial. A situação da província do Rio Grande do Norte, no último quartel do século XIX, especificamente de 20 de junho de 1876 até 18 de abril de 1877, tendo Antonio Passos Miranda como presidente, é assim descrita:

“(...) Numa época de profunda crise econômica (havia uma situação de insolvência – incapacidade de saldar o montante de dívidas – e o funcionalismo era mantido há meses com os salários atrasados.)”⁴³

Ainda falando sobre o ano de 1877, quando assumia a presidência da província José Nicolau Tolentino de Carvalho, há relatos dessa crise econômica, do último quartel do século XIX, agravada pela seca de 1877. “A época, nenhuma obra pública estava em andamento, por motivo de deficiência nas rendas da província.”⁴⁴ A situação da província era tida como “gravíssima”, dado os seguidos déficits e a ausência de perspectivas, principalmente, com a seca se alastrando por toda a localidade.

“(...) Prevendo as dificuldades que entraria até para encaminhar auxílios, tal a precariedade das estradas, recomendou às comissões de socorro fazerem ver àqueles que tinham direito aos socorros públicos da conveniência de se retirarem para o litoral e agreste, a fim de não serem vítimas de privações que se não poderiam evitar, e talvez das conseqüências fatais, que naturalmente delas decorriam. (...) Isso, desorganizou a província fazendo fluir a população flagelada para o

⁴³ FUNDACAO JOSE AUGUSTO. Personalidades Históricas do RN (Século XVI {a XIX), p. 160.

⁴⁴ SOARES, Antonio. Apud Ibid., p. 113.

litoral que depressa se tornou carecedor de tudo, além de constituir focos de peste.”⁴⁵

A relação direta destes fatos, nos mostra uma crise econômica em toda a província do Rio Grande do Norte. é interessante relatar que apesar das dificuldades surgidas na província, Macaiba será promovida a categoria de vila em 1877. As dificuldades, na província norte – rio – grandense, vinham sendo constante, desde de 1872, quando declinou, em Guarapes, Fabrício e Companhia, e em Natal, a Ulrich Graff, de capital estrangeiro, começa a declinar; ambas, casas comerciais de importação – exportação.

Neste contexto de crise econômica, ocasionando, de forma geral, uma desorganização social na província, prejudicou-se o litoral que, evidentemente, sem uma infra-estrutura adequada para receber uma quantidade maior de pessoas nas cidades, “flagelados das secas,” constitui-se em “focos de peste.” As conseqüências foram por demais negativas para o desenvolvimento das cidades litorâneas. Na década final do século XIX, apesar das dificuldades no Rio Grande do Norte, Macaiba, já como cidade, figurou como sendo um dos principais centros econômicos do Estado, sendo considerado, ainda, como um importante entreposto comercial que ligava Natal ao interior do Estado.⁴⁶

⁴⁵ CASCUDO, Câmara. Apud. Ibid, p. 113.

⁴⁶ A'RBACZ, István Inrc Lászlo. Ensaio Sobre a História Econômica do RN, p. 35.

CAPÍTULO II – CENTRO COMERCIAL NO COMEÇO DO SÉCULO XX (1900 – 1920)

Acreditamos que não seria esclarecedor escrever sobre Macaíba, como centro comercial no começo do século XX, sem antes focalizarmos as origens econômicas da cidade, sendo ela, um forte entreposto comercial. Entendemos como fundamental e essencial, para compreensão desse trabalho, discorrer sobre alguns aspectos econômicos que envolveram a cidade ao longo de sua história, bem como, aspectos econômicos regionais e estaduais. Ao escrever sobre a localidade, poderíamos tê-lo feito de maneira simplista e objetiva, porém, é de nosso entendimento, mencionar os fatos histórico-geográficos da cidade de Macaíba, a partir de meados do século XIX, para uma melhor compreensão dos fatos que sucederam na cidade no período inicial do século XX.

Assim, foi importante conhecer o conteúdo, textual e histórico, das monografias de José Edson e Maria Vanuza, existentes no núcleo de Estudos Históricos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em relação aos períodos da História local; especificamente, por terem enfatizado o aspecto econômico em Macaíba e Guarapes, no período de 1858 {a 1872.

As dificuldades que surgiram, no final do século XIX, não se constituíram obstáculos para o fortalecimento comercial da cidade, pois, “no começo do século XX, Macaíba, entretanto, solidificou-se como expressivo pólo comercial do Estado.”⁴⁷

1. AS RELACOES DO COMÉRCIO REGIONAL E ESTADUAL COM MACAIBA.

⁴⁷ FUNDACAO JOSE AUGUSTO. Personalidades Históricas do RN (Século XVI {a XIX), p. 40.

O crescimento econômico da cidade de Macaíba, na 2ª metade do século XIX, como sendo um forte entreposto comercial, e no início do século XX, como centro comercial, sempre esteve ligado a fatores externos e internos. Os fatores internos, em alguns momentos, possibilitados pela inteligência e à administração, no comércio, de figuras que fizeram a história local, entre eles Fabrício Gomes Pedroza, Manoel Mauricio Freire, Alberto Ferreira da Silva, Prudente Gabriel da Costa Alecrim, entre outros, que foram “empreendedores” das atividades comerciais locais e que serão mencionados no tópico seguinte. Os externos, quando da existência de situações diversas, como por exemplo, a produção, para exportação, de uma cultura produtiva, no Rio Grande do Norte, como o açúcar e o algodão; dependente do momento, com o aumento ou diminuição da comercialização de tais produtos, no mercado regional, ocasionaria uma perda e ou ganhos de lucros no mercado econômico local, tendo na cidade de Macaíba um centro comercial, ligado a essa conjuntura econômica regional. Acrescenta-se a isso, secas periódicas que problematizaram a economia regional, e por consequência, trazendo prejuízos a cidade, afetando o seu comércio.

É desta maneira que queremos abordar, neste tópico, a influência do comércio da região Nordeste sobre o Rio Grande do Norte e suas consequências para a cidade de Macaíba, no início do século XX.

O interesse, neste momento, retoma para o crescimento econômico da região Nordeste do Brasil, que será afetada, como o Brasil o foi, durante a I Guerra Mundial (1914 – 1918). O mesmo, foi “forçado” a substituir os produtos manufaturados, até então importados, por uma fabricação nacional, que se vê intensificada neste momento.⁴⁸

Esta demanda interna do mercado brasileiro será responsável por uma expansão da cultura do algodão e do açúcar, no Nordeste brasileiro. Soma-se a isso, o fraco processo de industrialização da região nordestina face ao centro sul do país. Assim, a industrialização do

⁴⁸ A'RBACZ, István Inrc Lászlo. Ensaios Sobre a História Econômica do RN, p. 43.

Nordeste não paralisou, apenas o seu ritmo de crescimento foi bem mais lento que o de outras partes do país, pelo menos até 1960.⁴⁹ É de fundamental importância sabermos que houve um aumento das exportações do Rio Grande do Norte para o mercado europeu durante a I Guerra Mundial.⁵⁰ Neste período, com a expansão da cultura algodoeira, o crescimento econômico do Rio Grande do Norte será retomado. Denise Monteiro e Hermano Machado informam:

“(...) com o surto algodoeiro correspondente aos anos da Primeira Guerra Mundial, esse produto assume inigualável posição na economia potiguar, (...) uma fonte de receita de proporções grandiosa oscilando entre 50 a 70% sua contribuição para o erário publico.”⁵¹

Os períodos de crescimento econômico na região, possibilitado pelo comércio açucareiro e algodoeiro, principalmente, em relação a região litorânea de Natal, tem, em Macaíba, um centro comercial considerável, pois vale lembrar, que a cidade era considerada uma grande via de ligação entre a capital e o interior, visto as dificuldades de transportes na época.

Em sua mensagem de 1904, o governador, então em exercício, ilustra fatos sobre a construção de uma ponte, sobre o rio potengi, que livraria a capital do isolamento comercial, pois a mesma estava perdendo todos os pequenos mercados e outros pequenos mercados, de compra e venda, concentrados, sobretudo, em Ceará-Mirim, Macaíba, Mossoró e Açú.⁵² Ainda sobre este momento, Maria do Livramento afirma que a construção de uma ferrovia, que ligaria Natal ao Vale do Ceará-Mirim, para escoamento da produção açucareira, “atendia os interesses dos comerciantes da capital, cujo dinamismo comercial era ofuscado por Macaíba”⁵³.

⁴⁹ Ibid., p. 39

⁵⁰ MEDEIROS, Tarcisio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do RN, p. 141.

⁵¹ TAKEYA, Denise M. e LIMA, Hermano M. F. História Política Administrativa da Agricultura do RN (1892/1930), p. 35.

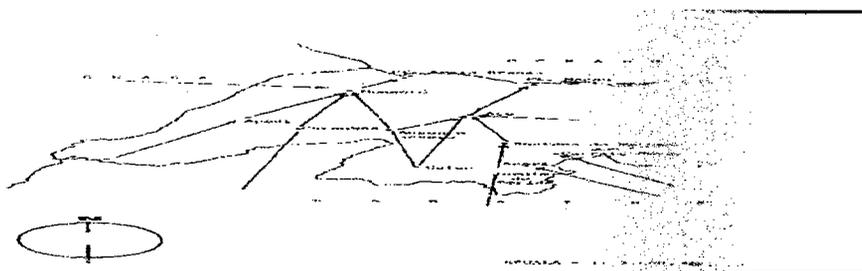
⁵² Ibid., p. 54.

⁵³ CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. Economia e Urbanização: o Rio Grande do Norte nos Anos 70, p. 105.

Podemos entender que havia uma certa “disputa” dos comerciantes de Natal e Macaíba, que figurava com uma praça comercial, de destaque, na região litorânea. Sobre isto, Istvám A’rbocz diz:

“A região de Natal – abrangendo o litoral, o agreste e o centro-norte – caracteriza-se pela existência de inúmeros centros comerciais, os quais atuam como entrepostos da capital. (...) o principal desses centros era Macaíba, cuja única via de comunicação com a capital, até os anos trinta, era a via fluvial. O seu comércio era adiantado e revestia-se de grande importância, com suas casas tendo avultados negócios em muitos pontos do Estado e até da Paraíba através do Seridó”.⁵⁴

Vê-se que o próprio comércio da cidade, com casas comerciais importantes, negociavam por diversos pontos do Estado, chegando até a Paraíba. A ênfase dada, em relação a isto, vem mostrar que a economia da região Nordeste ligava-se a norte – rio – grandense, estando esta, “intimamente” ligada a Macaíba como centro comercial. Natal, no início do século XX, era tida como de pouca importância comercial, devido a um relativo isolamento físico.⁵⁵ “Macaíba fazia intercâmbio de mercadorias entre o agreste, parte do sertão e o porto de natal”⁵⁶. É neste período, início do século XX, que Natal tem o seu comércio eclipsado por Macaíba.⁵⁷ Observando a figura abaixo, entende-se melhor a importância de Macaíba, devido sua localização geográfica favorável.



(Fig. 02)

Fonte: TAKEYA, Denise M. Apud. CLEMENTINO, Maria do Livramento M. Economia e Urbanização: O RN nos Anos 70, p. 110.

⁵⁴ A’RBOCZ, Istvám Inre Lászlo. Ensaio Sobre a História Econômica do RN, p. 55.

⁵⁵ CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. Economia e Urbanização: o Rio Grande do Norte nos Anos 70, p. 109.

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ Ibid.

O comércio no Rio Grande do Norte, no início do século XX, será afetado, como em outras épocas o foi, pelas secas de 1900/01, 1915 e 1919. entendemos como fundamental, ao descrevermos o crescimento econômico de uma região, através de seu comércio, relatarmos quando este crescimento econômico foi “interrompido” por efeitos da seca. A de 1915, por exemplo, feriu os rebanhos da pecuária estadual em 70%. Os efeitos das secas tiveram, especificamente no Rio Grande do Norte, que ser enfrentados com uma união de governos estadual e federal, com os meios que se dispunha na época.⁵⁸ É no período de secas que a “figura do flagelado” é sempre usada, pela classe dominante, como justificativa para a execução de uma política de obras contra o efeitos da mesma.⁵⁹ Neste sentido, a partir de 1909, sobretudo, inicia-se uma ação sistemática para combater os efeitos das secas através da construção de rodovias.⁶⁰ O combate aos efeitos da seca serão, no período final do século XIX e início do século XX, uma motivação adicional por parte de oligarquia local para expandir o sistema de estradas.

Assim, as estradas de rodagem foram implantadas, em algumas ocasiões, como uma ação de combate aos efeitos das secas, pois assim, facilitaria o transporte de medicamentos e alimentos às regiões atingidas, ou seja, seria uma “socorro” as populações sertanejas nas épocas de estiagem.

É importante considerar que as estradas de rodagem só serão implantadas, como mais intensidade, no Estado, no final da década de 1910. vale salientar que, o então governador Alberto Maranhão, em sua mensagem de 1910, informava sobre as largas e

⁵⁸ MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do RN, p. 140.

⁵⁹ TAKEYA, Denise M. e LIMA, Hermano M. F. História Político Administrativa da Agricultura do RN – 1892/1930, p. 51.

⁶⁰ CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. Economia e Urbanização do Rio Grande do Norte nos anos 70, p. 163.

extensas entradas carroçáveis que mandou abrir para facilitar as comunicações entre os portos do litoral e os mercados do interior.⁶¹

Tarcísio Medeiros afirma que, “alguma dessas estradas foram caminhos de penetração sertaneja, como a rodovia Macaíba-Panelas, inaugurada em 26/06/1916.”⁶² A implantação dessas estradas de rodagem, no Rio Grande do Norte, no início do século XX, tem relação direta com o desenvolvimento do comércio, em Macaíba, visto que, terá a sua debilidade econômica, quando implantadas, em todo o Estado, as estradas de rodagem. Sobre elas, Jansem Leiros afirma que, desde essa época, Macaíba começou a declinar; as feiras começavam na sexta à tarde e prolongavam-se até o sábado à noite, diminuíram consideravelmente.⁶³

Devido o assunto ser de fundamental relevância para o trabalho, faz-se necessário responder, diante de questionamento que venha surgir, nesse momento, sobre a relação desse assunto com Macaíba, como centro comercial. Entendemos que o problema das secas, nas décadas iniciais do século XX, influenciou de maneira preponderante, no desenvolvimento da atividade comercial no Rio Grande do Norte e, especificamente, em Macaíba, como centro comercial, que ligava a capital à alguns centros comerciais do interior do Estado, que abasteciam-na com produtos regionais.

Como centro comercial, a cidade de Macaíba, nessas duas primeiras décadas do século XX, podia oferecer possibilidades e perspectivas de vidas melhores e animadoras para os retirantes da seca, vindos das regiões semi-áridas para o litoral do Rio Grande do Norte. As secas eram uma motivação por parte da oligarquia para se “auto-promoverem”, beneficiando certas localidades. Como exemplos, temos a oligarquia Maranhão, comandada por Alberto,

⁶¹ TAKEYA, Denise M. e LIMA, Hermano M. F. História Político Administrativa da Agricultura do RN – 1892/1930, p. 52.

⁶² MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do RN, p. 144.

⁶³ LEIROS, Jansem. Macaíba de Cada Um: Antologia de Crônicas, p. 22.

que estendeu a sua ação ao interior do Estado.⁶⁴ Maria do Livramento afirma que, entre essas localidades, beneficiadas, estava Macaíba, como importante centro comercial do começo do século XX, sendo a mesma, de grande significado para a “expansão” da oligarquia de Alberto Maranhão.

Encontramos um registro, sobre essa situação, nos relatórios de governo quando, em 1905, foi apresentada ao congresso legislativo mensagem, afirmando que após um período de seca intensa, surge um período de inverno, aproveitando-se da situação calamitosa do Estado no momento, o governo cria programas de incentivo a pequenos agricultores de várias cidades do interior. Macaíba foi uma dessas cidades, beneficiados com a distribuição de sementes; com uma verba de 1.400.000 \$, uma das maiores recebidas por um município do Estado. É notório, que havia uma ligação da oligarquia estadual, de Alberto Maranhão, com Macaíba, sendo a cidade um forte centro comercial no momento.

Observa-se que a ação administrativa dos governos norte-rio-grandense, deram sua parcela de contribuição, no desenvolvimento comercial do Estado, nas principais cidades. No início do século XX, com o caráter administrativo do então governador Augusto Tavares de Lyra, que governou o Estado de 1904 a 1906, percebe-se que, governando o Estado, fomentou a economia pública, e interessando-se pela indústria do sal, canavieira e algodoeira, principais produções de Estado na ocasião; para desenvolver as finanças e transações comerciais, fundou o Banco de Natal (25 de março de 1906).⁶⁵

Ao se acentuar com um relativo desenvolvimento econômico, o Rio Grande do Norte, no início do século XX, caracterizou-se pela existência de vários centros comerciais. Alguns desses centros comerciais, passaram por um processo de desenvolvimento de suas infra-estrutura, para melhor se adequarem ao desenvolvimento regional e nacional; (inclui-se, como aspecto infra-estrutural, a implantação das estradas de rodagem.). É justamente neste

⁶⁴ SOUZA, Itamar de. A República Velha no Rio Grande do Norte (1889-1930).

⁶⁵ MEDEIROS, Tarcisio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do RN, p. 151.

aspecto, infra-estrutural, que Macaíba não conseguiu se evoluir em relação a outros centros comerciais do Estado, entre eles Natal. Mais adiante abordaremos esse assunto.

Assim, podemos finalizar esse tópico, das relações do comércio regional e estadual, com Macaíba, ratificando que o mesmo se processou de forma equilibrada, ora com altas, outras vezes com baixas, deixando como exemplo, que a economia da localidade foi influenciada por fatores externos e internos.

2. MACAIBA: CIDADE PRÓSPERA

A partir de 1900, e indo até o final da Segunda década do século XX, a cidade de Macaíba apresentou-se como um forte centro comercial do Estado. Nesse período, refletiu-se nela, como já foi mencionado, o desenvolvimento econômico vivido pelo Estado e região. Por se localizar em uma posição estratégica, “rota de passagem”, do interior a capital e vice-versa, conclui-se que a cidade teve o seu comércio local aumentado e passou a desfrutar de um período crescente na economia.

Meneval Dantas afirma que Macaíba foi, dentro dessas duas primeiras décadas do século XX, “o empório comercial, o encontro de convergência social e de lideranças política, o berço de grandes personalidades de projeção fora do Estado que ela foi até 1930, quando tudo entrou em declínio que tanto a empobreceu e enfraqueceu”⁶⁶

Em 1905, Macaíba possuía o quinto maior orçamento do Estado.⁶⁷

Em 1912, no governo de Alberto Maranhão, aparece o Estado viabilizando as condições de produção e reprodução do capital na cidade; nesse momento, a cidade de

⁶⁶ DANTAS, Meneval. Macaíba: Imagens, Sonhos, Reminiscências, p. 42

⁶⁷ Relatório de Governo apresentado pelo Governador Augusto Tavares de Lyra em janeiro de 1905.

macaíba teve seu porto melhorando através de empréstimos estrangeiros, captados pelo Estado em 1910.⁶⁸

Segundo Denise Monteiro e Hermano Machado, o governo do Estado Potiguar, visando solucionar problemas de infra-estrutura da agroindústria açucareira, refere-se à abertura do porto de Macaíba, cujo orçamento foi mandado elaborar no ano de 1910, obra, segundo o discurso oficial, reclamado pelos comerciantes daquelas cidades e que constituiria escoamento de grande parte da produção dos municípios de Macaíba, São Gonçalo, São José de Mipibu, Santa Cruz e Currais Novos.⁶⁹

Em 1911, é citada a importância do cais do antigo porto fluvial de Macaíba, sendo um dos principais do Estado.⁷⁰ Essas informações, expressos nos relatórios de governo, nos mostram a importância da cidade, nas duas primeiras décadas do século XX, para a economia local. As mesmas ratificam o que escreve Jose Lacerda Felipe de que a ação governamental através de sua políticas públicas, é influenciada pelos processos econômicos, sociais e políticos que se desenvolve na cidade.⁷¹

Entre essas políticas, verifica-se que, que no período de 1914-1920, a administração pública estadual numa tentativa de superar o atraso tecnológico da agricultura e pecuária do Estado, resolve criar dois “campos de demonstração”, um no Vale do Ceará-Mirim e outro em Macaíba; o primeiro, não logrou êxito, o segundo, desempenhou uma função importante na divulgação e disseminação de técnicos agropecuários.⁷² Com o decreto 104, de 08/11/1920, este “campo de Macaíba”, passou a ser centro de ensino prático, completando o ciclo de suas finalidades como fazenda modelo e campo de experimentação.⁷³ Sendo assim, a cidade de Macaíba foi “palco” de um processo econômico, social e político

⁶⁸ Relatório de Governo apresentado pelo Governador Alberto Maranhão em 1º de novembro de 1912.

⁶⁹ TAKEIA, Denise M. e LIMA, Hermano M. F. História Político-Administrativa da Agricultura do RN – 1892/1930, p. 50.

⁷⁰ Relatório de Governo apresentado pelo Governador Alberto Maranhão em 1º de novembro de 1911.

⁷¹ FELIPE, José Lacerda. Elementos da Geografia do Rio Grande do Norte, p. 15.

⁷² TAKEIA, Denise M. e LIMA, Hermano M. F. História Político-Administrativa da Agricultura do RN – 1892/1930, p. 88.

⁷³ Ibid, p. 90.

que desenvolveu-se com figuras importantes, da atividade comercial local, “atraindo” à atenção do governo estadual, através de políticas públicas desenvolvidas na cidade.

Podemos destacar, neste trabalho, algumas dessas figuras, seus benefícios e motivações, para o desenvolvimento do comércio local, quando a cidade constituía-se, um importante centro comercial do Estado. Esses “empreendedores” com seus estabelecimentos comerciais, figuram na história local, como autores da prosperidade econômica da cidade no início do século XX. Assim, existiam na cidade de Macaíba, conforme Meneval Dantas:

“Os estabelecimentos comerciais de Prudente Alecrim, constituindo de um grande armazém de tecido, secos e molhados e de um descaroçador de algodão; de Euclides Ribeiro, com um estabelecimento comercial de gêneros alimentícios e uma fábrica de sabão; de Baltazar Marinho, de sortimento amplamente variado (tecidos e sapatos) na rua João Pessoa; e as lojas de tecidos, chapéus, sapatos e perfumarias de Alfredo Carneiros, Lídio Marinho, Francisco Cúrcio, Bento Justino e Francisco Campos, sendo este último o pioneiro no Estado e possivelmente no Brasil inteiro, do trabalho feminino no comércio (1924). (...) E a padaria Brasil de Alberto Silva (1ª padaria da cidade na rua do comércio). (...) A farmácia de Leonel Freire, da fábrica de cigarros de Major Antônio Adrade Lima (conhecido na história local como a fábrica XV de novembro, na rua João Pessoa.); a refinaria de açúcar e descaroçador de algodão de Neco Freire e a livraria, papelaria e homeopatia de seu José Augusto.”⁷⁴

Esses estabelecimentos comerciais foram “frutos” de um período de desenvolvimento econômico da cidade; este desenvolvimento, ocorrido em meados do século XIX, quando a cidade atingiu o seu “ápice” como entreposto comercial, e no início do século XX, fortalecida na economia local, como centro comercial de importância para o estado. Observando os frutos da história local, iremos perceber que, a grande maioria desses comerciantes, tiveram sua história centrada no período que vai do início do século XX, até o final da segunda década do mesmo. Foi o caso de Prudente Gabriel da Costa Alecrim, dono do 1ª carro da cidade, em 1889; e falecido em 20 de março de 1927; Baltazar Marinho, falecido em 24 de novembro de 1946; Antônio de Andrade Lima faleceu em 25 de setembro

⁷⁴ DANTAS, Meneval. Macaíba: Imagens, Sonhos, Reminiscências, p. 59.

de 1950; Alfredo Adolfo de Mesquita, falecido em 1921, e dono da maior loja de varejo da cidade.⁷⁵ Francisco Severo Cúrcio, falecido em 1944, era dono da loja mais chique da cidade, “A Perola”, a qual vendia jóias e artigos de luxo.⁷⁶ É também importador de tecidos, como vendas em atacados, fornecendo para toda a região do Seridó, bem assim do Vale do Ceará-Mirim.⁷⁷

No período inicial do século XX, ainda podemos citar como importante, a figura que foi Manoel Mauricio Freire, para o crescimento comercial da Cidade. Este personagem, tal qual Fabrício Gomes Pedroza, foi um grande empreendedor na cidade constituindo-se uma forte liderança política. Manoel Mauricio Freire ficou a frente do poder executivo de Macaíba por seis mandatos: dois deles, no final do século XX, em 1895 e de 1896 a 1898; 1908 a 1910; de 1911 a 1913; de 1920 a 1922; e finalmente, de 1923 a 1925. tornou-se o “plenipotenciário”, da política municipal de Macaíba, ao longo de quarenta anos, até seu falecimento no dia 04 de outubro de 1927; o mesmo era grande proprietário de terras e maior criador de gado do município. Também era industrial, único a produzir no município, vinho de jabuticaba. Era irmão do desembargador Teotônio Freire e desfrutava de excelente conceito político.⁷⁸ O empreendedor também realizava a extração de pedras graníticas, transportando as pedras, por via fluvial, para Natal, e que serviam para calçar a capital durante quase toda a década de 1930.⁷⁹

Desse modo, percebe-se que a cidade de Macaíba podia oferecer a sua população e adjacências inúmeras possibilidades de prestação de serviços, fazendo com que houvesse um mercado de trabalho ali; logo, criou-se as condições para a expansão de atividades comerciais locais. Em Macaíba, no início do século XX, as atividades comerciais, neste tópico mencionados, foram fundamentais para o seu estabelecimento como centro comercial, e que

⁷⁵ FUNDACAO JOSÉ AUGUSTO. Macaíba: Rio Grande do Norte, p. 40.

⁷⁶ Ibid.,

⁷⁷ Ibid.,

⁷⁸ Ibid., p. 41.

⁷⁹ Ibid., p. 110.

possibilitou uma aglomeração urbana intensa, “com sua rua principal, então denominada rua do comércio, sendo edificada com espaçosos prédios assobrados, onde floresciam inúmeras casas.”⁸⁰ Isso parece ratificar o que fiz José Lacerda Felipe:

“Quanto mais se expande o terciário, maior será o deslocamento da força de trabalho na direção à cidade. Essa economia terciária ganha papel preponderante na economia urbana e a região nasce ou consolida-se em torno do centro de serviços”.⁸¹ E ainda, “(...) as aglomerações urbanas nascem em função de atividades econômicas.”⁸²

Um ponto fundamental sobre o estabelecimento, em Macaíba, de um centro comercial no início do século XX, era um intenso movimento no porto, dos botes, entulhados de cargas e passageiros.⁸³ Conforme lembra Janssem Leiros, o porto era uma atração pública. A saída e a chegada dos botes; um divertimento; nos seus botes seguiam para Natal a carga Volumosa.⁸⁴

Embora as feitas sejam de origem colonial e existirem no Brasil, desde essa época, constituirá, em Macaíba, no início do século XX, um outro ponto fundamental para o desenvolvimento da cidade, como centro comercial, “(...) o que permitia a todo o comércio da cidade, nesse dia, a maior movimentação de compras e vendas.”⁸⁵

A cidade que teve sua prosperidade comercial, nesse período de 1910 e 1920, aparece, mais uma vez, nos relatórios de governo. Em 1917, a linha de telégrafos do estado foi ampliada. Nesse ano foi constituído um linha de telégrafos, ligando a estação de Macaíba à vila de Touros, passando por São Gonçalo e Ceará-Mirim.⁸⁶ Também foi relatado, em 1920, a

⁸⁰ Ibid., p. 40.

⁸¹ FELIPE, José Lacerda. Elementos da Geografia do Rio Grande do Norte, p. 17.

⁸² Ibid., p. 23.

⁸³ DANTAS, Meneval. Macaíba: Imagens, Sonhos, Reminiscências, p. 58.

⁸⁴ LEIROS, Janssem. Macaíba de Cada Um: Antologia de Crônicas, p. 78.

⁸⁵ DANTAS, Meneval. Macaíba: Imagens, Sonhos, Reminiscências, p. 59.

⁸⁶ Relatório de Governo Apresentado pelo Governador Desembargador Joaquim F. Chaves em 1º de novembro de 1917.

conclusão da estrada de rodagem ligando Macaíba ao Seridó.⁸⁷ Cita-se ainda, construção de escolas no município, em 1921 e 1922.

A Empresa de Melhoramentos de Natal (1908 a 1913), pretendia estender os bondes da capital até a praia do morcego e à Macaíba, município vizinho. Essa empresa, contratada pelo governo eo Estado, estava aparelhada para executar todos os serviços, para Natal e cidades vizinhas de Macaíba e Ceará-Mirim.⁸⁸

Temos assim, uma cidade que prosperou economicamente e, como consequência, chamou à atenção das autoridades políticas do Estado, que viam-na, como um forte centro comercial, e um crescente núcleo urbano, de merecida atenção, no início do século XX.

⁸⁷ Relatório de Governo Apresentado pelo Governador Antônio J. de Melo e Souza em 1º de novembro de 1920.

⁸⁸ OLIVEIRA, Giovana Paiva de. De Cidade a Cidade, p. 88.

CAPÍTULO III – MACAÍBA A PARTIR DA DÉCADA DE 1920

Conforme vimos, a cidade de Macaíba, durante alguns períodos de sua história, foi marcada por momentos de oscilações econômicas. É notório que, a cidade por não acompanhar o crescimento comercial, de outras localidades do Estado, bem como, ampliar a sua infra-estrutura, para se adequar ao desenvolvimento regional e a “modernização tecnológica”, teve sua força comercial diminuída, até sua estagnação ou declínio, no final da década de 1920. À medida em que acelerava-se o progresso tecnológico dos transportes e comunicações, do interior com a capital do Estado, Macaíba perdia sua força como centro comercial. Podemos entender melhor essa situação, quando focalizamos nossa atenção para outras cidades do estado, inclusive Macaíba, a partir da década de 1920.

1. MACAIBA E OUTRAS CIDADES DO ESTADO NO PERÍODO.

O resultado do crescimento econômico de Macaíba, advindo de um comércio local forte, e sendo a cidade, um centro comercial de importância, para a região litorânea, do Estado potiguar, no início do século XX, contribuíram para que a cidade torna-se um núcleo urbano do estado no período. Junta-se a Macaíba, entre outras, Natal, Nova Cruz, Açu e Mossoró.⁸⁹

É claro que, as cidades de Natal e Mossoró eram áreas de maior adensamento populacional e de convergência de fluxos comerciais.⁹⁰ Porém, “outras localidades como

⁸⁹ A'RBOCZ, István Inre Lászlo. Ensaio Sobre a História Econômica do RN, p. 37.

⁹⁰ CLEMENTINO, Maria do livramento M. Economia e Urbanização: O RN nos anos 70, p. 48.

Macaíba e Macau, inclusive Mossoró, rivalizavam com Natal como empório comercial, chegando mesmo, em algumas ocasiões, a superar a capital”.⁹¹ Deve ser destacado, neste momento e contexto, que Macaíba era uma cidade que possuía um grande fluxo comercial advindo da sua função de entreposto, que como mencionado, sendo um dos mais importantes do Estado.

Natal é tida como um centro administrativo, possuindo um processo lento de concentração de atividades e de população. Só em 1940, com o episódio da 2ª Grande Guerra, é que a dinâmica populacional vai sofrer mudanças significativas.

Podemos perceber que houve um esforço da capital, juntamente com a ação do governo estadual, para atrair o interesse de empresas que melhorariam a limpeza pública, o sistema de transportes, saneamento básico e energia elétrica, este último aspecto, importante para a implantação dos bondes elétricos, e para o funcionamento de fábricas de tecidos, durante o turno noturno. Falando sobre este momento, vivido por Natal, Giovana Paiva de Oliveira diz:

“As reformas em Natal seguiam os princípios daquela época, que consistiam, a partir da ação do Estado, em promover o ordenamento da cidade e da população, eliminar os focos insalubres e prover a cidade de uma infra-estrutura mínima, compatível com o papel de centro comercial que ela viria a desempenhar. A cidade de Natal que despontou na segunda década do século XX, compunha um cenário moderno, minimamente adequado os padrões exigidos.”⁹²

Observa-se que Natal estava se adequando aos “padrões exigidos” pelo mundo capitalista, despontando a partir da segunda década do século XX, Macaíba, não acompanham tal processo de mudanças infra-estruturais, mínimas, para os padrões regionais, exigidos nos fins da décadas de 1920. Além disso, houve a implantação de estradas de rodagem, no Rio Grande do Norte, que, em outras partes, conduzem ao progresso, Macaíba, conduziram-na ao declínio.

⁹¹ Ibid., p. 189.

⁹² OLIVEIRA, Giovana Paiva de. De Cidade a Cidade, p. 89.

Porém, se faz necessário lembrar que outras cidades, nessa época, também vão perder a sua força comercial. No início do século XX, Mossoró tinha o privilégio de ser importante centro comercial do Sertão Setentrional. E que, como empório comercial que importava e exportava com desenvoltura, começa a dar sinais de exaustão na terceira década do século XX.⁹³

Em termos populacionais, Macaíba, já “em 1900 contava com aproximadamente 10.913 habitantes, e Natal com 16.056. Portanto a diferença não era tão grande”.⁹⁴

Em 1910, o estado está dividido em 35 municípios, sendo 12 cidades, consideradas centros de maior expressão econômica e populacional, cindo dessas, incluindo Macaíba, próxima a capital.⁹⁵

Para exemplificar o quadro populacional, dessas cidades, é importante observar a tabela abaixo. Nela, consideramos as cidades de maior expressão econômica do Estado. Macaíba, devido sua posição estratégica (ver figura 02), sendo considerada um centro comercial de grade expressão, até o final da década de 1920.

CIDADES (RN)	POPULAÇÃO (1920) – HAB.	POPULAÇÃO (1940) – HAB.
Natal	30.696	55.242
Macaíba	17.775	25.197
Ceará-Mirim	26.319	21.906
São José de Mipibu	17.875	25.881
Canguaretama	11.451	10.900
Mossoró	20.300	31.874

Tabela 01.

Fonte: CÂMARA, Anfilóquio, Cenário Municipal (1941-1942) (Não encontramos os dados populacionais, referentes aos anos de 1900 e 1910.).

⁹³ CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. Economia e Urbanização: O RN nos anos 70, p. 112.

⁹⁴ FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Macaíba: Rio Grande do Norte, p. 43.

⁹⁵ ANDRADE, Manuel Correia. A produção do espaço Norte – Rio – Grandense, p. 28.

Queremos enfatizar, com isso, que Macaíba acompanhou a dinâmica populacional da região litorânea, se mostrando com uma das cidades mais “fortes” do estado Potiguar, até o final da década de 1920.

É interessante relatar que a população do Rio Grande do Norte, em 1900, é de aproximadamente 275 mil habitantes, e em 1920, de 537 mil habitantes. Em relação a população do município de Natal, isso representava, em 1920, cerca de 5,71% sobre o total do Rio Grande do Norte.⁹⁶ O objetivo, nesse momento, é levar aos leitores deste texto, mesmo que timidamente, o conhecimento de Macaíba, em relação a outras cidades do Estado, como um centro comercial, no início do século XX, de significativa importância para a região.

2. O DECLÍNIO DO COMÉRCIO NA DÉCADA DE 1920.

Após figurar como um centro comercial expressivo, do estado do Rio Grande do Norte, no início do século XX, observa-se que Macaíba começa a declinar, no final da década de 1920. como causas desse declínio, entre outros fatores, temos a implantação, de maneira mais profícua, de estradas de rodagem no estado.

Entre essas estradas de rodagem, implantadas no Estado, no início do século XX, encontra-se a estrada de rodagem Natal – Seridó, que, em princípio, até 1920, tinha o ponto inicial em Macaíba e se estendendo à Natal em 1921, quando foi inaugurada. Nos relatórios de governo de 1920, salienta-se a importância desta construção para o desenvolvimento da economia do Estado, porém, ocasionou uma diminuição participativa de Macaíba, como centro comercial de forte expressão. No momento, iniciava-se mais uma ciclo da exploração

⁹⁶ CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. Economia e Urbanização: O RN nos anos 70, p. 162.

pecuária na região do Seridó. Essa região se estabelecia como zona de criatório e denominada por algodoads. Esta produção, por sua vez, precisava ser remetida para outras regiões do Estado, principalmente, para a região próxima à capital Istvám A'rbocz, esclarece sobre as estradas: "Em 1920, duas são as estradas em que já se faz o transportes em automóveis; a de Macaíba a Santa Cruz, com 105 km, e de Mossoró a Lomeiro do Norte, com 108 km".⁹⁷

Observa-se que Macaíba perde esta função preponderante, de centro comercial, a partir desse momento. Ainda, sobre isto, afirma Meneval Dantas:

"(...) Perdendo então, o porto local, de ai por diante, todo o seu valor estratégico comercial e econômico, a sua grande importância como centro exportador e de importação, limitando-se, por algum tempo ainda, aos serviços locais para Natal e vice-versa, os seus botes e a lancha que até antes transportavam cargas e passageiros daquelas outras regiões."⁹⁸

Em períodos anteriores, o porto foi um propulsor do crescimento comercial da cidade; porém, devido às circunstâncias, que sobrevieram, o mesmo perdeu o valor, meio fluvial de primeira importância para a cidade. A partir do final da década de 1920, o meio de ligação principal, do interior com a capital e da capital com o interior, passou a ser as estradas de rodagem.

O porto local não teve uma adequação às novas condições técnicas do comércio regional e nacional. Possibilitaria, a modernização das instalações, investimentos econômicos, para a entrada de embarcações de maior calado. Mas, com as estradas de rodagem, tais embarcações não mais necessitavam de adentrar o Rio Jundiá, com finalidades comerciais.

Macaíba teve, a partir do final da década de 1920, um período de estagnação. Para expressar essa idéia, Maria do Livramento Miranda afirma que, "cidades como Macaíba e

⁹⁷ A'RBOCZ, Istvám Inre Lászlo. Ensaio sobre a História econômica do RN, p. 51.

⁹⁸ DANTAS, Meneval. Macaíba: Imagens, Sonhos, Reminiscências, p. 30.

Nova Cruz, por exemplo, já tinham funções comerciais específicas no pré-30, e pelo menos Nova Cruz se manteve.”⁹⁹

Queremos, neste momento, apenas, enfatizar que a economia comercial da cidade não estagnou nos pós-1872, como o declínio do comércio, em Guarapes. Vindo tal fato acontecer, no final da década de 1920, a diminuição dos fluxos comerciais em Macaíba, nos pós – 1872, foi uma consequência de sua época e de seu contexto econômico regional, ou seja, da região Nordeste e do estado do Rio Grande do Norte. Temos agora, nos fins da década de 1920, em Macaíba, a sua insuficiência de prosseguir, que foi causada por sua própria incapacidade de acompanhar o crescimento econômico de outras cidades do estado.

Temos é verdade, no final da década de 1920, a chamada “crise de 1929”, que atinge, de forma considerável, o complexo exportador e a indústria do país.¹⁰⁰ Contudo, é registrada nos anos 30, um surto algodoeiro, que colocará o Nordeste e consequentemente o Rio Grande do Norte em situação de melhoras.¹⁰¹

Em relação a situação econômica e financeira do Estado do rio Grande do Norte, Observa-se que em 1927, era uma das mais folgadas, podendo ser considerada excedente, dentre os dos vários Estados brasileiros.¹⁰² Ou seja, o Estado Potiguar, no período final da década de 1920, passava por boas condições econômicas e que apesar da “crise de 29” não abalou, de forma agravante, as suas relações comerciais com o restante do país. Mesmo com o Estado, apresentando condições favoráveis de crescimento, Macaíba começa a declinar, provocando o êxodo de comerciantes, para outras praças, sobretudo Natal.

É relevante entender que os autores pesquisados, que tem nas sua obras, “imagens e ou memórias” da cidade, no início do século XX, como por exemplo Meneval Dantas e

⁹⁹ CLEMENTINO, Maria do livramento M. Economia e Urbanização: do RN nos Anos 70, p. 169.

¹⁰⁰ CLEMENTINO, Maria do Livramento M. O Maquinista de Algodão e o Capital Comercial, p. 39.

¹⁰¹ Ibid. p. 102.

¹⁰² TAKEIA, Denise M. e LIMA, Hermano M. F. História Política-Administrativa da Agricultura do RN, p. 122.

Janse, Leiros, retratam o final da década de 1920, como sendo o período de estagnação e ou declínio da cidade.

O grande momento de efervescência econômica, de meados do século XIX, e a sua força como centro comercial do estado, no início do século XX, estava chegando a um período de “paralisia”. A cidade que, foi lugar de acontecimento nobre, durante a República Velha (1889-1930), como a “fundação do citado Tiro de Guerra 18; as varias solenidades cívicas, de protesto contra a Alemanha e a Guerra de 1914. Comícios, conferencias e passeatas acompanhadas de banda de música, foram os mais destacados, atraídos esse festejos, que davam movimentação à cidade, grande números de pessoas do interior do município e de Natal.”¹⁰³ Davam assim, movimentação a uma cidade prospera, que atraiu comerciantes e fez-se berço da elite cultural do estado. Pontificou até a segunda década do século XX.¹⁰⁴

¹⁰³ DANTAS, Meneval. Desembargador Virgilio Otavio Pacheco Datnas. Síntese Biográfica, p. 40.

¹⁰⁴ LEIROS, Jansem. Macaíba de Cada UmÇ Antologias de Crônicas, p. 109.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos este trabalho, que tem como objeto de pesquisa, o estudo de Macaíba, como centro comercial no começo do século XX, principalmente, as duas primeiras décadas, tentamos mostrar o importante centro comercial que foi a cidade, nesse período, bem como, contextualiza-la na economia do Estado.

Buscamos entender os aspectos econômicos da época e compreender o desenrolar de fatos que contribuíram para o crescimento comercial da cidade.

Neste sentido, procuramos focalizar as origens econômicas da cidade e suas relações mais amplas, com o Rio Grande do Norte e o Nordeste brasileiro. Deste modo, através de uma leitura mais específica, percebemos as diferenças e semelhanças entre as localidades, de Macaíba e Guarapes, no decorrer da história local, dentro da província do Rio Grande do Norte, “adequada” a estrutura comercial e econômica de outras localidades, com exceção da capital.

Logo a localidade de Macaíba desenvolveu-se a atividade comercial.

A questão aqui, no entanto, não foi discutir sobre as relações entre as localidades, porém, relatarmos os aspectos relevantes de Macaíba, como vila e cidade, com suas especificidades econômicas, e sua ligação com a economia potiguar.

Observamos os fatos transcorridos, a partir de meados do século XIX, com o objetivo de identificarmos, com mais precisão, os aspectos comerciais de economia do Nordeste e a conseqüente crise gerada por produtos “sustentáculos” dessa economia, como o açúcar e o algodão. Estes, foram decisivos, como produtos de exportação, para o crescimento das cidades da região nordestina, entre elas, Macaíba, não como produtora, mas como um centro comercial de importância para época.

No último momento, tencionamos mostrar o crescimento comercial da cidade, no início do século XX, ligado por uma conjuntura regional e estadual. Relatamos a prosperidade econômica da cidade, nas duas primeiras décadas do século XX, que teve relação direta com a capacidade de administração de algumas “figuras” da cidade, destacando-se, Manoel Mauricio Freire. Observamos, também, o seu conseqüente declínio, no comercio estadual, nos fins da década de 1920.

Obviamente, o presente trabalho não ambiciona preencher as lacunas existentes, na historiografia local, sobre o momento vivido por Macaíba. Pretendemos, mesmo que timidamente, termos contribuído para o enriquecimento dessa historiografia. Esperamos que em breve, essas lacunas sejam preenchidas.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADRE, Manuel Correia de. A Produção do Espaço Norte – Rio – Grandense. Natal, UFRN: Ed. Universitária, 1995.

ALVES, Maria Vanuza. Macaíba: Apogeu e Decadência (1858 a1872). Monografia, p. 33, 1995.

A'BOCZ, István Inre Lászlo. Ensaíos Sobre a Historia Econômica do RN. Natal, UFRN: Ed. Universitária, 1986.

CÂMARA, Anfilóquio. Cenário Municipais (1941-1942). Natal: Oficinas do D. E. I. P., 1943.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. Economia e Urbanização: O Rio Grande do Norte nos Anos 70. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.

_____. O Maquinista de Algodão e o Capital coemrcial. Natal: Ed. Universitária, 1987.

DANTAS, Meneval. Desembargador Virgilio Otávio Pacheco Datnas. Síntese Biográfica: Natal, 1981.

_____. Macaíba: Imagens, Sonhos, Reminiscências. Rio de Janeiro: Presença; Natal: Fundação José Augusto. s. d.

FELIPE, José Lacerda. Elementos da Geografia do Rio Grande do Norte. Natal: Ed. Universitária, 1988.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Macaíba: Rio Grande do Norte. Natal 1983, p. 114. (Centro de Pesquisas “Juvenal Lamartine”).

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Personalidades Históricas do Rio Grande do Norte. (Século XVI a XIX), Centro de Estudos e Pesquisas “Juvenal Lamartine. Natal (RN) v. 1, 1999.

LEIROS, Janssem. Macaíba de Cada Um: Antologia das Crônicas. Natal: CERN, 1985.

LIMA, Nestor. Municípios do Rio Grande do Norte: Macaíba, Macau, Martins e Mossoró. [s. 1]: 1990. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 599). Edição Fac-similar da Revista do Instituto Historio e Geografico do Rio Grande do Norte, v. 35 – 37, 1941.

LYRA, augusto Tavares de. O Rio Grande do Norte em 1911. Rio de Janeiro: TYP do Jornal do Commercio, de Rodrigues e C., 1912.

MEDEIROS, Tarcísio. Aspectos Geopolíticos e Antropológicos do Rio Grande do Norte. Natal: Imprensa Universitária, 1973.

MELO, Aurélio Freire de. Trajetória de Minha Vida. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 2002.

MONTEIRO, Denise Matos. Introdução à História do Rio Grande do norte. Natal: EDUFERN, 1986.

NOBRE, Manoel Ferreira. Breve noticia sobre a província do RN. 2. Ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. De Cidade a Cidade. Natal: EDUFERN, 200.

RODRIGUES, Wagner do Nascimento. Potengi: Fluxos do Rio Salgado no Século XIX. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

SILVA, José Edson da. Casa Comercial de Guarapes (1859 – 1872) – Ascensão e Declínio. Monografia, 42 p., 2002.

SOUZA, Eloy de. Memórias. Natal. Fundação José Augusto, 1975.

SOUZA, Itamar. A Republica Velha no Rio Grande do Norte (1889 – 1930). Brasília: Centro Gráfico do Sendo Federal, 1989.

TAKEIA, Denise M. e LIMA, Hermano M. F. História Político-Administrativa da Agricultura do RN – 1892/1930. Natal: Editora Universitária, 1987.

FONTES

- Mensagem lida perante o Congresso Legislativo na abertura da sessão extraordinária de janeiro de 1905, pelo governador Augusto Tavares de Lyra.
- Mensagem apresentação ao Congresso Legislativo na abertura da 2ª sessão da sétima legislatura em 1ª de novembro de 1911, pelo governador Alberto Maranhão.
- Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo na abertura da 3ª sessão da sétima legislatura em 1ª de novembro de 1912, pelo governador Alberto Maranhão.
- Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo na abertura da 2ª sessão da nona legislatura em 1ª de novembro de 1917, pelo governador Desembargador Joaquim Ferreira Chaves.
- Mensagem lida perante o Congresso Legislativo na abertura da 3ª sessão da décima legislatura em 1ª de novembro de 1920, pelo governador Antônio J. de Melo e Souza.